A Fofoca como Prática Discursiva: Poder, Identidade e Exclusão no Caso Nancy Kerrigan e Tonya Harding

SARAH MONTEIRO

Bacharelanda em Publicidade e Propaganda pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Voluntária no projeto de pesquisa "Princesas do Vale: memórias de territórios e sociabilidades LGBTQIAPN+ em Governador Valadares

DEBORAH LUÍSA VIEIRA DOS SANTOS

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Professora do Núcleo de Comunicação e Humanidades da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

Resumo

Através da análise semiótica discursiva, introduzida por Fontanille, o artigo busca compreender o impacto do discurso da fofoca na construção de pertencimento e exclusão, bem como sua função como prática discursiva em comunidades contemporâneas. Este trabalho se concentra na análise de duas manchetes do New York Daily News que cobriram o ataque físico do qual a patinadora Nancy Kerrigan foi vítima em rede nacional, em 1994. A culpa foi atribuída à outra patinadora, Tonya Harding, devido a boatos e inimizades que circulavam na época. O objetivo é examinar como essas manchetes apresentaram o ocorrido, considerando os elementos discursivos, visuais e narrativos que contribuíram para a construção de suas imagens para o público.

Palavras-chave: Comunicação e Sociedade; Poder; Jornalismo; Fofoca; New York Daily News.

Abstract

Through discursive semiotic analysis, as introduced by Fontanille, this article investigates the impact of gossip discourse on the construction of belonging and exclusion, as well as its role as a discursive practice in contemporary communities. The study focuses on two headlines published by the New York Daily News covering the 1994 national broadcast incident in which figure skater Nancy Kerrigan was physically attacked. Responsibility was attributed to fellow skater Tonya Harding, largely fueled by rumors and rivalries circulating at the time. The aim is to examine how these headlines framed the event, considering the discursive, visual, and narrative elements that contributed to shaping the public images of those involved.

Introdução

A comunicação humana é permeada por práticas que vão além das atuais formas institucionalizadas e formalmente reconhecidas de transmissão de informação. Nesse contexto, a fofoca surge como um dos meios de comunicação mais antigos e resilientes (Kapferer, 1993), desempenhando um papel significante na construção das relações sociais e na manutenção da realidade coletiva (Silveira, 2014).

A jornalista canadense Elaine Lui (2013), conhecida pelo seu trabalho com o site de fofocas "Lainey Gossip", abordou em um TED Talk[1] a dimensão sociológica das fofocas. Segundo Lui (2013), a fofoca vai além de escândalos ou dramas pessoais; o fofocar funciona como um mecanismo de comunicação de normas e códigos de comportamento compartilhados em uma sociedade. Ela reflete as preocupações populares e os dilemas éticos de uma época, uma vez que, para que determinado rumor se torne interessante, ele geralmente envolve a transgressão de alguma regra cultural ou moral vigente. Esse aspecto eleva a fofoca: ao explorar as histórias que circulam como fofoca, pode-se aprender muito sobre as normas sociais, os valores e as preocupações éticas de diferentes culturas e épocas.

[1] Veja mais em: https://www.youtube.com/watch?v=oFDWOXV6iEM. Acesso em: 06 fev. 2025.

Embora a fofoca seja frequentemente associada a conotações negativas, pesquisas antropológicas e sociológicas, como as de Dunbar (2004) ou de Elias e Scotson (1965), apontam que a prática de compartilhar informações sobre terceiros, geralmente na ausência destes, possui raízes evolutivas e culturais profundas, destacando a fofoca como consolidadora na criação de laços, sendo uma ferramenta de sobrevivência em comunidades primitivas.

Logo, a fofoca serve como um mecanismo de regulação social, permitindo o fortalecimento de vínculos e o monitoramento de comportamentos desviantes dentro de grupos (Silveira, 2014). No entanto, com o avanço das estruturas sociais e a consolidação de normas morais, a prática passou a ser vinculada ao feminino e então reprimida e, frequentemente, estigmatizada, caracterizada como algo fútil (Federici, 2019). Apesar da repressão cultural e do julgamento moral, a fofoca permanece em todas as camadas sociais, revelando-se uma prática inerente à natureza humana.

O ataque ocorrido em 1994 contra a patinadora Nancy Kerrigan e sua conexão com Tonya Harding representam um dos maiores escândalos esportivos do século XX, sendo também um exemplo sobre o papel da fofoca na construção de narrativas midiáticas e na formação da opinião pública. Inseridas no universo da patinação artística – um esporte

historicamente marcado por exigências estéticas e disciplinares rígidas –, as atletas tornaram-se figuras midiáticas. O ataque ocorreu em 6 de janeiro de 1994, quando Shane Stant atingiu o joelho de Nancy Kerrigan com uma barra de ferro após um treinamento para o Campeonato Nacional de Patinação. As investigações revelaram que o crime foi planejado por Jeff Gillooly, então marido de Tonya Harding. Embora Harding tenha negado envolvimento direto no planejamento da agressão, posteriormente admitiu ter tomado conhecimento do ocorrido após sua execução, o que a colocou no centro de uma intensa cobertura midiática e da consequente deterioração de sua reputação.

Este artigo propõe uma análise da fofoca como meio de comunicação, através do recorte de duas manchetes do New York Daily News sobre o ataque de 1994, utilizando a semiótica discursiva, conforme as perspectivas de Fontanille (2007) e o método do percurso gerativo de sentido, que se divide em estruturas fundamentais, narrativas e discursivas. Espera-se compreender como a fofoca participou na construção das figuras de Tonya e Nancy, destacando aspectos de vilanização e vitimização frequentemente associados a narrativas midiáticas sobre mulheres.

Esta análise entende a fofoca como um conhecimento prévio compartilhado socialmente, capaz de orientar interpretações, ativar estereótipos e influenciar diretamente a produção de sentidos no discurso jornalístico.

Fofoca é Comunicação?

Em sua monografia "A Fofoca Além do Senso Comum", Guilherme Britto da Silveira (2014) indica que a fofoca é, antes de mais nada, um meio de comunicação informal, que opera como um mecanismo de relevância na construção e na manutenção de vínculos sociais e na disseminação de informações. Apesar de marginalizada, sua prática acompanha a humanidade desde tempos primordiais, possivelmente desde o início da fala (Silveira, 2014).

Em tal contexto, os boatos são definidos, de modo geral, como informações não verificadas que circulam em redes sociais (no sentido de grupos de indivíduos). Conforme o autor, essas informações não são necessariamente falsas, mas sim não oficiais e destinadas a serem aumentadas. Sua circulação é iniciada a partir do desejo humano de explicar incertezas, resultando em discussões coletivas. Essa dinâmica evidencia o caráter social e político dos boatos, uma vez que, segundo Kapferer (1993, p. 9), "Os boatos incomodam porque são um tipo de informação que o poder não pode controlar. Diante da versão oficial, surgem outras verdades: a cada um a sua."

Por meio de discursos depreciativos, a fofoca tem o potencial de arruinar reputações, marginalizar indivíduos, assim como tem se manifestado na atual "cultura do cancelamento", além de reforçar desigualdades, funcionando, assim, como um dispositivo de violência simbólica (Bourdieu, 1989) que perpetua estruturas de opressão e hierarquias.

A linguagem participa da construção do ser humano e, por isso, o torna vulnerável ao que é dito sobre ele ou para ele (Butler, 2021). No contexto das fofocas, isso significa que os sujeitos são constantemente expostos ao olhar e ao julgamento alheio, seja esse julgamento positivo ou negativo, o que, para o indivíduo, é algo fora de seu controle.

O entendimento performativo da linguagem implica que o "dizer" é também um "fazer", uma vez que Judith Butler (2021) desenvolve o conceito de ação na linguagem a partir da teoria dos atos de fala de J. L. Austin, e a autora vai além ao explorar as dimensões políticas, sociais e físicas do discurso. Desta forma, a linguagem não é apenas um meio de representação, mas um ato que possui consequências materiais e simbólicas no mundo social. Tal noção é ainda desenvolvida ao incluir a construção das identidades: ao serem utilizadas em práticas discursivas, categorias como gênero, raça e sexualidade são continuamente produzidas e reforçadas. Por meio de práticas repetitivas, os discursos se tornam atos que afetam corpos e experiências, criando marcas tanto visíveis quanto invisíveis em um indivíduo.

De acordo com os estudos de Kapferer (1993), em contextos de vulnerabilidade, o indivíduo tende a priorizar informações vindas de redes de proximidade ou de vozes que confirmem suas crenças preexistentes, mesmo que essas informações careçam de verificação de fatos.

A dinâmica das redes sociais intensifica esse processo, pois a velocidade de circulação das mensagens supera a capacidade de avaliação crítica e de verificação dos fatos, fenômeno associado à difusão de fake news (Han, 2022). Nesse ambiente, práticas discursivas são progressivamente substituídas por lógicas midiáticas marcadas pela espetacularização, conduzindo ao que Han (2022) denomina infocracia.

Os boatos preenchem vazios informacionais deixados pela ausência de fontes confiáveis ou pela ambiguidade de narrativas oficiais, oferecendo uma sensação ilusória de controle ou explicação durante um momento de incerteza (Kapferer, 1993), frequentemente refletindo as ansiedades coletivas ou ideais enraizados em determinados grupos, possibilitando a perpetuação de estigmas e discursos de ódio (Butler, 2021).

Em determinada perspectiva, os rumores são analisados como fenômenos que se intensificam em períodos de crise, por atenderem a demandas emocionais e cognitivas dos indivíduos. Boatos dependem de um equilíbrio entre novidade e plausibilidade para se propagarem, além de precisarem da eterna dúvida sobre sua veracidade para se manterem vivos ou despertarem interesse público (Kapferer, 1993). Para ganharem movimentação, precisam ser suficientemente novos para despertar curiosidade, mas também plausíveis o bastante para que sejam considerados dignos de compartilhamento (Kapferer, 1993).

Kapferer (1993) propõe que os boatos funcionam como uma "teia social", na qual sua disseminação ocorre de pessoa para pessoa, por meio de redes interpessoais que atuam como mediadoras e validadoras da mensagem. Esse processo é particularmente eficiente quando o conteúdo dos boatos provoca reações emocionais intensas. Nesse contexto, Thompson (2008) indica que as mensagens comunicativas não possuem significados fixos; elas são negociadas pelos receptores com base em seus contextos culturais, históricos e sociais. Logo, os boatos operam como narrativas abertas, cujas interpretações variam de acordo com as experiências, crenças e emoções de quem as recebe.

No ambiente midiático moderno, a circulação de mensagens se torna ainda mais complexa, pois os meios de comunicação de massa aumentam o alcance das narrativas (Thompson, 2008; 2018), permitindo que os boatos ultrapassem fronteiras geográficas e culturais. Nesse sentido, rumores ganham novas camadas de significado ao serem incorporados a um contexto mediado, em que múltiplas vozes – de jornalistas, comentaristas e qualquer usuário das redes sociais – contribuem para a ressignificação constante da mensagem. Assim, os boatos, quando inseridos em um contexto midiático, não são apenas elementos de uma teia social limitada a interações face a face, mas se tornam parte de uma "teia mediada", que atravessa os domínios do público e do privado.

Esse fenômeno se articula ao conceito de "pseudoambiente" formulado por Lippmann (2010), segundo o qual indivíduos, incapazes de acessar diretamente a complexidade do mundo social, dependem da mediação da mídia para interpretar acontecimentos. As representações produzidas nesse processo, ainda que parciais ou distorcidas, tornam-se referências centrais para orientar percepções e julgamentos.

Nesse contexto, rumores e versões reduzidas da realidade integram o repertório simbólico que estrutura o pseudoambiente, influenciando comportamentos e respostas coletivas. O autor observa que figuras públicas são frequentemente conhecidas por "personalidades fictícias" construídas pela visibilidade midiática, dinâmica acentuada pela

ISSN 1679-3366

midiatização contemporânea. Assim, a opinião pública passa a ser moldada por imagens que circulam amplamente, mesmo quando carecem de correspondência com o ambiente real.

Fofoca e Gênero

Para Silveira (2014), a prática da fofoca funciona como um mecanismo regulador, promovendo a cooperação e desestimulando comportamentos desviantes. Além disso, fornece informações essenciais sobre o grupo e seus membros, favorecendo decisões mais eficientes e aumentando as chances de sobrevivência.

Entretanto, os estudos de Silvia Federici (2019) evidenciam uma mudança em como as fofocas são percebidas na sociedade, destacando a relação entre o controle da fala feminina e a perpetuação das estruturas patriarcais. Ao desqualificar práticas de comunicação informal entre mulheres, o patriarcado não apenas deslegitima formas de organização coletiva, mas também enfraquece mecanismos de resistência social. Compreender as raízes históricas dessa desvalorização é importante para enfrentar os estigmas que persistem e para resgatar a oralidade feminina enquanto ferramenta de transformação social.

A autora ainda estabelece um vínculo entre esse processo histórico e as expressões contemporâneas de violência contra mulheres, com destaque para mulheres negras e proletárias, cujos corpos e vozes permanecem como alvos de exclusão e opressão. Sua análise reforça a necessidade de que a luta feminista incorpore a valorização de práticas tradicionais de comunicação e solidariedade, posicionando-as como elementos centrais na resistência ao capitalismo patriarcal e às suas dinâmicas excludentes. Logo, o ato de “fofocar” ganha um novo sentido na construção social da nossa realidade.

Na Idade Média, gossip derivava dos termos arcaicos god (Deus) e sibb (parentesco), referindo-se inicialmente à madrinha ou ao padrinho de batismo, que mantinham um laço espiritual com a criança (Federici, 2019). Com o passar do tempo, especialmente no século XIV, o termo evoluiu para designar conversas informais, frequentemente focadas em terceiros, consolidando-se como um sinônimo para a troca de informações sobre a vida alheia (Federici, 2019). Essa transformação está ligada às práticas sociais da época, como reuniões femininas em torno de eventos de grande significância, como os partos, nos quais histórias e informações eram compartilhadas como parte da socialização feminina, necessária para a organização da vida coletiva nas classes populares da época (Federici, 2019).

Esse significado, entretanto, começou a mudar durante a transição para a modernidade, quando o capitalismo em ascensão e a imposição de normas patriarcais buscaram desarticular as redes de solidariedade feminina. O termo gossip, antes símbolo de apoio mútuo, foi transformado em uma expressão pejorativa associada a conversas fúteis e maliciosas. Acredita-se, ainda, que tal mudança seja parte de uma estratégia maior de controle patriarcal e exclusão das mulheres dos espaços públicos, consolidando a subordinação feminina.

Na literatura da época, como nas peças do Ciclo de Chester, mulheres eram frequentemente retratadas como figuras que desafiavam o poder masculino, mas de maneira a ridicularizá-las e deslegitimar suas ações e falas. Essa representação misógina foi acompanhada de práticas punitivas brutais, como o scold's bridle (rédea das rabugentas) (Imagem 1), também conhecido como The Gossip's Bridle (a rédea da fofoca), que restringe fisicamente a capacidade de fala de mulheres que falavam muito livremente ou faziam fofocas (Federici, 2019).

Imagem 1 - Scold's bridle



Fonte: Hulton Archive (1754).

A transformação de gossip em algo depreciativo ocorreu paralelamente ao fortalecimento da autoridade masculina dentro do lar e ao isolamento das mulheres, mudança que refletia o enfraquecimento das redes femininas de apoio e o enraizamento de uma ideologia que associava as mulheres à subordinação, tanto na esfera pública quanto na privada da época (Federici, 2019). Contudo, a fofoca, mesmo ressignificada, manteve seu potencial de resistência. Em várias culturas, as mulheres continuaram a usar a oralidade como ferramenta para transmitir conhecimento, preservar memórias e construir identidades coletivas. Este

caráter subversivo da fofoca desafia a visão hegemônica que a associa apenas a algo negativo e sem relevância.

Apesar de sua importância histórica, a fofoca é ainda associada a comportamentos antiéticos e de invasão de privacidade. Essa visão negativa, segundo Silveira (2014), é amplamente uma construção social, fortalecida pela valorização de discursos técnicos e objetivos em detrimento das trocas informais. Consequentemente, a fofoca apresenta uma certa dualidade: ao mesmo tempo que é censurada publicamente, continua sendo amplamente praticada no cotidiano, trazendo uma complexa contradição ao comportamento humano, em que as normas sociais nem sempre coincidem com as práticas individuais.

Ao compartilhar narrativas sobre eventos e comportamentos, indivíduos criam e reafirmam significados coletivos, moldando a forma como o mundo é percebido (Berger; Luckmann, 2007). Nesse sentido, a fofoca não é apenas um ato de comunicação interpessoal, mas também um mecanismo de manutenção simbólica da realidade social. Por meio dela, valores, crenças e normas são perpetuados, reforçando a coesão de grupos e, simultaneamente, delimitando espaços de exclusão.

As identidades são híbridas, sendo formadas a partir de uma mistura de elementos culturais diversos, conceito que questiona a noção de fronteiras culturais rígidas e desestabiliza as categorizações de identidade como algo fixo (Silva, 2008). Tomaz Tadeu da Silva (2008) defende que o poder é exercido através do discurso, que define e legitima o que é considerado "normal" ou "anormal", "aceitável" ou "inaceitável". Os discursos não apenas descrevem a realidade, mas a constroem, ao moldar modos de pensar e agir. Dessa forma, as identidades são continuamente constituídas através dos discursos sociais, educacionais, midiáticos e políticos.

O conceito de identidade cultural na pós-modernidade, abordado por Hall (2006), propõe o entendimento de um fenômeno resultante de um jogo constante de forças globais e locais, envolvendo trocas culturais, deslocamentos e híbridos culturais gerados pela globalização. Em um mundo globalizado, as identidades são compostas por múltiplos elementos que se cruzam, transformando-se e ajustando-se a novas realidades sociais. O sujeito pós-moderno, portanto, é aquele que se constrói a partir dessas múltiplas referências e influências, após uma era de sujeitos sociológicos, alterando o ciclo de identidades previamente "unificadas e estáveis" (Hall, 2006). A fofoca, enquanto prática discursiva, pode ser vista dentro desse contexto em instâncias em que as identidades culturais são criadas ou desconstruídas, refletindo as dinâmicas de poder e controle que estão no centro da construção das mesmas.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem exploratória para investigar como a fofoca é percebida, praticada e narrada em diferentes contextos socioculturais. A pesquisa utiliza a perspectiva de Fontanille (2007), em sua aplicação da semiótica discursiva e do percurso gerativo de sentido, o que possibilita analisar e compreender a estrutura narrativa dos exemplos apresentados, uma vez que a interpretação de signos e linguagem possibilita investigar como os discursos de poder associados à fofoca moldam identidades e reforçam hierarquias sociais.

A partir das contribuições de Fontanille (2007), compreende-se o discurso como uma prática significante situada, na qual os sentidos são produzidos por meio de operações enunciativas, regimes de crença, contratos de veridicção e dispositivos de expressão verbal e visual.

Com o objetivo de operacionalizar a análise desta pesquisa, foi elaborado um quadro analítico próprio, que sistematiza os principais níveis da Análise Semiótica do Discurso a partir das contribuições de Jacques Fontanille. Embora o esquema apresentado seja de autoria da pesquisadora, sua construção está diretamente fundamentada na perspectiva teórica do autor.

Quadro 1 - Análise Semiótica do Discurso segundo Fontanille

Nível de Análise	**O que analisa**	**Principais elementos**	**Perguntas-chave**
Formas de vida	Os modos de existência, valores e estilos de vida que sustentam o discurso	Valores, ethos, ideologias, visões de mundo, práticas sociais recorrentes	Que modo de vida esse discurso constrói ou legitima? Que valores orientam as ações dos sujeitos?
Cenas e práticas	As situações sociais em que o discurso ocorre	Papéis sociais, interação entre sujeitos, regras implícitas, contextos de enunciação	Quem fala? Para quem? Em que situação social? Com qual finalidade?
Objetos e suportes	Os meios materiais e simbólicos que veiculam o discurso	Plataformas, mídias, formatos, dispositivos técnicos, materialidade do texto	Em que suporte o discurso circula? Como o meio influencia o sentido?
Textos e enunciados	A organização interna do discurso	Narrativas, argumentos, figuras retóricas, estratégias discursivas	Como o discurso é estruturado? Que efeitos de sentido são produzidos?
Figuras e temas	Os conteúdos simbólicos recorrentes	Temas centrais, metáforas, imagens, símbolos, isotopias	Quais ideias e imagens se repetem? Que imaginário é ativado?
Percurso gerativo do sentido	O processo de construção do sentido do abstrato ao concreto	Do nível profundo (valores) ao nível superficial (formas discursivas)	Como o sentido se constrói progressivamente no discurso?

Fonte: Semiótica do discurso (2007)

O corpus da análise é composto por manchetes jornalísticas veiculadas pelo New York Daily News em janeiro e fevereiro de 1994, referentes ao caso envolvendo as patinadoras Nancy Kerrigan e Tonya Harding, bem como pelas narrativas midiáticas que circularam sobre o

episódio. O recorte foi definido por sua relevância histórica e simbólica, uma vez que o acontecimento ultrapassou o campo esportivo, configurando-se como um fenômeno midiático atravessado por disputas de classe, gênero e poder simbólico.

As unidades de análise consistem nas manchetes, nas imagens associadas e nos enunciados que constroem as representações públicas das atletas. A investigação é de natureza qualitativa e interpretativa, orientada pela identificação dos níveis do percurso gerativo de sentido (nível fundamental, narrativo e discursivo), conforme os pressupostos da semiótica discursiva.

O percurso de sentido é o processo em que o sentido é construído de forma progressiva, através de uma sequência de "patamares" que permitem a compreensão e a interpretação do texto. Esse percurso é uma trajetória de construção de significados, na qual o sentido não é dado de uma vez, mas sim se revela de forma gradual e estruturada. Esse percurso pode ser descrito em três níveis ou "patamares", que se relacionam de maneira hierárquica e progressiva: as estruturas fundamentais, as narrativas e as discursivas.

A fofoca é tratada metodologicamente como um conhecimento pré-textual que antecede e condiciona a leitura das manchetes, operando como elemento interpretativo que molda a recepção do discurso jornalístico. Assim, os boatos e rumores são compreendidos como parte do interdiscurso que alimenta a produção de sentidos.

Análise e principais resultados

O caso envolvendo Nancy Kerrigan e Tonya Harding, ocorrido em janeiro de 1994, se tornou muito mais que uma controvérsia esportiva; ele representa a relação entre a mídia, a cultura e a sociedade nos Estados Unidos da década de 1990. O ataque sofrido por Kerrigan, orquestrado por pessoas próximas a Harding, não apenas chocou o mundo da patinação artística, mas também expôs narrativas profundamente influenciadas por questões de classe, gênero e poder. A rivalidade entre as duas patinadoras, que há tempos havia sido explorada pela mídia, tornou-se um símbolo das desigualdades sociais e das expectativas comportamentais impostas às mulheres em ambientes de alta exposição.

Nancy Kerrigan, celebrada por sua graça e estilo, foi rapidamente relacionada ao posto de "heroína injustiçada" pela mídia e pela população. Representando os ideais de feminilidade que dominavam a patinação artística, Kerrigan se destacou não apenas por seu desempenho técnico, mas também por sua aparência e comportamento alinhados ao glamour elitista

associado ao esporte. Por outro lado, Tonya Harding, apesar de ser uma das atletas mais tecnicamente habilidosas de sua geração, enfrentava desafios para superar uma origem socioeconômica desfavorável e lidar com os estereótipos que permeavam o esporte. Harding, que não conseguia financiar as roupas caras do esporte e não se encaixava nos padrões estéticos e de conduta esperados, foi rapidamente transformada na "vilã" da história.

O caso revela dinâmicas de poder que permeiam a cobertura midiática de figuras públicas e como a divulgação desses discursos reflete e reforça estruturas sociais desiguais. Boatos e rumores da época construíram narrativas polarizadoras que moldaram a percepção pública sobre as atletas e o acontecido, reduzindo-as a arquétipos simplistas, os quais foram apenas intensificados quando veiculados nas mídias.

As manchetes dos jornais (Imagem 2: "Por que eu? Maníaco ataca patinadora olímpica"; Imagem 3: "Um lutz perfeito e uma total desajeitada") que retratam o caso entre Nancy Kerrigan e Tonya Harding são evidências da responsabilidade da mídia em consolidar boatos por meio de escolhas discursivas e narrativas. Mais que informar, essas representações serviram para chocar o público. Ao promover a rivalidade entre as duas atletas, algo comum dentro da cultura da mídia, os canais de informação exploraram rumores que já circulavam sobre a conduta e a moralidade (ou a quebra delas) das atletas, construindo uma nova versão de eventos.

Imagem 2 - Manchete do New York Daily News no dia 7 de janeiro



Fonte: The Washington Post (1994).

Inocente versus Vilã - Patinadora Olímpica versus Maníaco são oposições semânticas básicas do nível fundamental deste discurso. Embora a manchete e a imagem não acusem diretamente Tonya Harding de envolvimento no planejamento do ataque, ambas reforçam a

ISSN 1679-3366

narrativa de um ato brutal e calculado, criando, assim, o nível narrativo, articulando-se com estigmas previamente associados à atleta, em grande parte alimentados por especulações acerca de sua trajetória pessoal e profissional.

A simplicidade linguística da manchete cumpre uma função estratégica, carregada de significados simbólicos, ao mobilizar o julgamento público, que até o momento era apenas baseado em rumores. Trata-se da maneira superficial pela qual a informação foi apresentada, gerando, assim, o nível discursivo no percurso gerativo de sentido. Nesse cenário, a fofoca desempenha o papel de um conhecimento pré-textual que molda a interpretação da notícia, elevando a linguagem ao nível de discurso devido à subjetividade da mensagem e ao contexto social.

Segundo Fontanille (2007), os sentidos são construídos por meio de dispositivos semióticos que envolvem a plasticidade visual, os regimes de crença e os contratos de veridicção. A simplicidade linguística da manchete cumpre, assim, uma função estratégica, carregada de significados simbólicos, ao mobilizar o julgamento público, que até o momento era apenas baseado em rumores. A fotografia, ao registrar o momento de vulnerabilidade de Kerrigan, opera como um gesto enunciativo que fortalece o ethos da vítima e legitima a versão implícita dos fatos.

Já a segunda manchete (Imagem 3), de 25 de fevereiro de 1994, afirma “Um lutz perfeito, uma completa desastrada” (em inglês, “A perfect Lutz, a total klutz”), um trocadilho entre o salto do patinador artístico (lutz) e a palavra “klutz”, que significa alguém desajeitado ou trapalhão. Aqui, o contraste entre a perfeição técnica de Kerrigan e a "desajeitada" Harding evidencia estigmas relacionados a rumores sobre a origem socioeconômica e a estética da atleta.

Imagem 3 - Manchete do New York Daily News no dia 25 de fevereiro



Fonte: The Washington Post (1994).

As oposições semânticas básicas do nível fundamental aqui são: técnica perfeita versus imperfeição; adequação social versus incompetência. O uso da frase "Total Klutz" funciona em dois níveis complementares. No nível narrativo, ela sugere uma desqualificação técnica, uma acusação que se torna inconsistente frente às conquistas de Harding, mas que é usada para desmoralizá-la, conforme o nível discursivo. A frase reforça os rumores de que Harding não se adequava aos padrões estéticos e às expectativas financeiras e de conduta no universo da patinação artística, que privilegia não apenas a técnica, mas também a conformidade a normas de feminilidade idealizadas e a códigos de comportamento ligados à classe social, conforme o apresentado no nível fundamental. Tal contraste entre Kerrigan e Harding reflete hierarquias e expectativas de gênero na cultura da época. A forma como as atletas são representadas ao público, a mensagem superficial recebida conforme o nível discursivo do percurso gerativo de sentido, não apenas idealiza a vítima do ataque, mas também vilaniza a figura com menor poder simbólico.

De acordo com os postulados da semiótica discursiva, esse discurso funciona como um processo de tematização, no qual as figuras associadas a Harding são reiteradamente negativadas, enquanto as de Kerrigan são elevadas. Os planos de expressão e de conteúdo se articulam para construir a oposição entre heroína e vilã, reforçando um sistema de valores que ultrapassa o universo esportivo e se ancora em padrões culturais de gênero e classe. A repetição desses contrastes constrói uma cena enunciativa hierárquica, que confere à mídia o poder de legislar sobre a legitimidade das identidades públicas.

ISSN 1679-3366

O discurso midiático, ao narrar a rivalidade entre as patinadoras, estrutura-se por meio de uma lógica binária que limita as possibilidades simbólicas de representação das identidades femininas. Essa dualidade opera como ferramenta ideológica que legitima certos atributos culturais (como classe, aparência e comportamento), evidenciando o funcionamento do poder simbólico nas narrativas midiáticas.

A construção das personagens é reforçada pelo uso da fofoca como forma de conhecimento e mecanismo de controle discursivo. A fofoca, nesse contexto, atua não apenas como especulação social, mas como meio de produção e circulação de significados que afetam diretamente a percepção pública. Nas redes sociais, essa lógica é potencializada pela fragmentação das interações e pela ausência de verificação, o que torna a narrativa ainda mais suscetível à manipulação simbólica. Assim, a oposição simplificada entre heroína e vilã contribui para a reprodução de discursos que reduzem a complexidade identitária das figuras públicas e naturalizam hierarquias sociais.

Considerações Finais

Como consequência do ataque, Tonya Harding enfrentou graves repercussões em sua vida pessoal e profissional. Após a divulgação de discursos que associavam sua imagem ao incidente, ela foi banida do esporte, encerrando sua carreira competitiva de forma abrupta. Sua reputação foi completamente arruinada, afetando não apenas sua vida pública, mas também sua estabilidade financeira. Além disso, Tonya carrega até hoje os estigmas decorrentes do episódio, enfrentando preconceitos e julgamentos que persistem ao longo dos anos. A disseminação de boatos e discursos críticos e frequentemente hostis em torno de seu nome impactou sua vida e identidade; o discurso deixou de ser apenas palavras e passou a ter consequências físicas.

O caso exemplifica como o discurso, em suas múltiplas formas, exerce e legitima o poder. Por meio do poder simbólico, narrativas e representações midiáticas perpetuaram uma ordem social baseada em julgamentos morais e estigmas que moldaram a percepção pública sobre as duas atletas. Essa construção discursiva demonstra que o poder real do discurso não reside apenas no momento de sua divulgação, mas em sua conexão com estruturas normativas já existentes: elas são a base de conhecimento e de crenças do público e o principal fator no momento da decodificação da mensagem.

A disseminação de boatos e narrativas sobre Tonya construiu uma nova perspectiva sobre a atleta, criando uma realidade paralela socialmente aceita pelos leitores e conformando

a opinião pública. Como destacado, boatos se sustentam em dinâmicas de poder e na credibilidade atribuída pelas redes interpessoais, frequentemente reforçando crenças preexistentes mesmo quando desprovidas de evidências. No caso de Tonya, a mídia e o público, ao priorizarem informações que reforçam estereótipos sobre seu status financeiro, sua estética e seu comportamento, contribuíram para a construção de uma imagem que a colocava como antagonista, independentemente de sua culpa direta no ataque.

A linguagem, ao moldar subjetividades e organizar o tecido social, atuou como veículo ao reproduzir tais estruturas de dominação. A repetição constante de discursos midiáticos depreciativos e moralizantes teve efeitos performativos sobre a vida de Tonya, transformando-a não apenas em um alvo de julgamento, mas em um exemplo vivo das desigualdades de poder que permeiam os campos sociais e culturais. O "dizer" é também um "fazer"; no caso de Tonya, o discurso atribuído a ela não apenas descreveu sua situação, mas também a produziu, afetando sua reputação, sua carreira e sua identidade pública.

A análise deste caso revela que a fofoca, frequentemente associada a um papel secundário na comunicação, como entretenimento, foi aqui entendida, na verdade, como um dos mecanismos mais antigos e persistentes de construção da realidade social.

Referências

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

FEDERICI, S. Mulheres e caça às bruxas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

FOOTE, S. Making Sport Of Tonya: Class Performance and Social Punishment. Journal of Sport and Social Issues, v. 27, n. 1, 2023, p. 3-17.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Dp & A, 2006.

HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

KAPFERER, J. Boatos: o mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. Trad. Ivone da Silva Ramos Maya.

LIPPMANN, W. Opinião pública. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BUTLER, J. Discurso de ódio: uma política do performativo. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

SILVA, T. T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Guilherme Britto. A fofoca além do senso comum: suas funções e importância social. 2014. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. Matrizes, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.